

DESCRIÇÃO E DOCUMENTAÇÃO FONOLÓGICA DAS VARIEDADES DO NHEENGATU NO AMAZONAS

Raynice Geraldine Pereira da Silva¹
Aline da Cruz²
Michéli de Deus Lima Schwade³

RESUMO

O presente artigo apresenta resultados da pesquisa realizada pelo projeto Descrição e Documentação das Variedades do Nheengatu no Amazonas, financiado pelo CNPq, sobre as variedades do Nheengatu do Amazonas em três regiões do estado onde se encontram falantes com diferentes graus de proficiência. Neste trabalho tratamos a descrição e documentação fonético-fonológica do Nheengatu nas regiões do Alto Rio Negro, Médio Rio Amazonas e Médio Rio Solimões tendo como pressuposto teórico a linguística descritiva para a descrição e análise dos dados e como metodologia a pesquisa etnográfica com base na pesquisa de campo para coleta de dados nas três regiões.

Palavras-chave: Nheengatu, Documentação, Línguas Indígenas, Tupi.

Introdução

A pesquisa sobre as variedades de Nheengatu no Amazonas objetivou a análise, a descrição e a documentação de uma língua natural em seus aspectos fonético-fonológico e gramaticais visando mapear seu uso e um maior conhecimento dessa língua e suas variedades no Amazonas atualmente. A pesquisa teve o financiamento do CNPq no período de outubro de 2013 a março de 2017⁴.

1 Faculdade de Letras, Universidade Federal do Amazonas, Doutora em Linguística, Coordenadora do Projeto Estudo das Variedades do Nheengatu no Amazonas, e-mail raynice@ufam.edu.br

2 Núcleo Takinahaky de Formação Superior Indígena, Universidade Federal de Goiás, Doutora em Linguística, e-mail acruz@ufg.br

3 Campus Manaus-Zona Leste, Instituto Federal do Amazonas, Mestre em Letras, e-mail micheli.schwade@ifam.edu.br

4 Resultado de Pesquisa Processo CNPq 4825555/2013-0 na modalidade Auxílio Individual de Pesquisa

O Nheengatu é uma língua que possui falantes em diferentes regiões do estado do Amazonas com variados graus de proficiência, alternando desde comunidades praticamente monolíngues em Nheengatu, como é o caso de comunidades Werekena do rio Xié, na região do Alto Rio Negro, até comunidades em que apenas os mais idosos se lembram da língua indígena, como é o caso da comunidade indígena Nova Sateré dos Sateré-Mawé, no rio Sapucaia Grande, afluente do rio Andirá, região do Médio Rio Amazonas e da comunidade Mayoruna, no município de Alvarães no Médio Rio Solimões.

O Nheengatu, ou Língua Geral Amazônica, é classificado como pertencente ao Tronco Tupi, membro da família Tupi Guarani (Rodrigues, 1984/85 e 1986). De acordo com BORGES (1991, p.44), “O Nheengatu, ou Língua Geral Amazônica, é uma língua da família Tupi-Guarani, suas raízes estão ligadas ao processo de colonização portuguesa da Amazônia”. RODRIGUES (1985) classifica a Língua Geral Amazônica (Nheengatu) no terceiro subconjunto (Subconjunto III) e situa o Nheengatu dentro da Família Tupi-Guarani (CRUZ, 2011 p.03).

Sobre essa classificação BORGES (op.cit) ressalta que o processo de colonização da Amazônia brasileira possui relação direta com o desenvolvimento do Nheengatu na região. Seja oficialmente através de decreto, seja extraoficialmente quando a língua portuguesa passou a ser mais utilizada em detrimento ao uso do Nheengatu na comunicação diária das pessoas (indígenas e não indígenas) que habitavam a região. A partir de registros históricos é possível perceber que o Nheengatu sempre instigou estudiosos e pesquisadores e esse interesse ajudou a registrar não somente as línguas (ou suas variantes) que antecederam o Nheengatu, mas também o processo de colonização da Amazônia, colocando a língua como fator determinante para a ocupação desta região.

A coleta de dados linguísticos seguiram as recomendações presentes nos trabalhos de PAYNE (1997), KIBRIK (1977), SAMARIN (1967). A fim de facilitar a comparação dos resultados entre as variedades, dados disponibilizados por CRUZ (2011) sobre a variedade do Rio Negro foram utilizados como base para elicitación. Para a documentação e descrição da fonologia os dados foram transcritos foneticamente com base nos símbolos e diacríticos do International Phonetic Association (IPA, 2003). O modelo de análise para a descrição fonológica do Nheengatu de região do Solimões foram as propostas nas abordagens descritivas de PIKE (1947), GLEASON (1978) e

KINDELL (1981). Para a análise e descrição de aspectos fonológicos de relevância da sílaba em Nheengatu utilizou-se as orientações de GOLDSMITH (1995) e KENTSTOWICZ (1994). A análise das ocorrências de segmentos ambíguos na estrutura silábica, tais como ditongos, foram tratadas a partir de BURQUEST (1998).

Descrição fonológica das variedades do Nheengatu no Amazonas

Apresentamos num primeiro momento as considerações sobre a fonologia do Nheengatu do Alto Rio Negro feitas por CRUZ (2011) e, em seguida, a descrição da variante do Nheengatu do Médio Rio Amazonas feitas por SCHWADE (2014), finalizando com a descrição fonológica da variante do Médio e Alto Rio Solimões documentadas por SILVA (2017).

Variante do Nheengatu do Alto Rio Negro (CRUZ, 2011)

Segundo CRUZ (2011, p.34) o sistema consonantal do Nheengatu falado na região do Alto Rio Negro apresenta os seguintes fonemas consonantais:

QUADRO 1 – SEGMENTOS CONSONANTAIS DO NHEENGATU DO ALTO RIO NEGRO

	BILABIAL	ALVEOLAR	PÓS-ALVEOLAR	PALATAL	VELAR
OCCLUSIVA	p b	t d			k g
NASAL	m	n		ɲ	
TEPE		ɾ			
FRICATIVA		s	ʃ		

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2020.

O quadro é composto de segmentos oclusivos surdos e sonoros, nasais, fricativas e mais o segmento /r/, classificado como tepe. Contudo, Cruz (2011, p. 35) faz algumas considerações em relação às análises fonológicas feitas anteriormente. Segundo Cruz:

Nossa análise do inventário fonológico do Nheengatú confirma a proposta por Borges (1991). Todavia, a análise de Borges (1991) e a deste trabalho diferem das análises de Moore, Facundes e Pires (1993) e de Taylor (1985) e (2007). A primeira diferença é a interpretação de uma série de contornos [ʰb, ʰd, ʰg] como fonêmica por Taylor e por Moore, Facundes e Pires. Os mesmos autores consideram glides como fonemas. Além disso, consideram [kʷ] como fonema (p.35).

Na análise de CRUZ (2011) as consoantes oclusivas surdas ocorrem preferencialmente formando sílaba com as vogais orais /a, e, i, u/. Em sílabas de núcleo nasal, a oclusiva surda alveolar /t/ é a de maior distribuição, como em palavras

/apukuitã/ [a.pu.kui'tã] ‘remo’ e /tẽ.taua/ [tẽ.da.wa] ~ [tẽ.'da] ‘comunidade’. Já as oclusivas surdas labial /p/ e dorsal /k/ também ocorrem com vogais nasais em núcleo com vogal nasal, mas de forma mais rara, são exemplos:

(1) /p/ e /b/	/u-'paua/	[u.'pa]	3sgA-acabar
	/'uba/	[u.bʊ]	canoa
(2) /p/ e /m/	/pi'ra/	[pi.'ra]	peixe
	/mi'ra/	[mi.'ra]	árvore
(3) /p/ e /w/	/pa/	[pa.'ʔa]	reportativo
	/wa/	[wa.'ʔa]	relativizador
(4) /p/ e /t/	/pĩ'ta/	[pĩ.'da]	anzol
	/u-pi'ta/	[u.pi.'ta]	3sgA-ficar
(5) /t/ e /n/	/tu'pana/	[tu.'pã]	tupana (deus)
	/u-nu'pa/	[u.nu.'pa]	3sgA-bater
(6) /t/ e /r/	/i'ta/	[i.'ta]	pedra
	/i'ra/	[i.'ra]	mel
(7) /g/ e /k/	/a.pi.'ga/	[a.pi.'ga] ~ [pi.'ga]	homem
	/u-ua'pika/	[wa.'pi.kʊ]	3sgA-sentar
(8) /k/ e /ɲ/	/mu'ka/	[mu.'ka]	espingardag
	/u-mu'ɲã/	[u.mu.'ɲã]	3sgA-fazer

Depois de vogal nasal, a distinção /p, t, k/ e /b, d, g/ é neutralizada. Segundo CRUZ (2011 p.45) “os fones [p] e [t] ocorrem em sílabas não acentuadas após vogal nasal. Os fones [b] e [d] ocorrem em sílaba acentuada após vogal nasal. A dorsal [g] ocorre após vogal nasal e [k] não ocorre”. Cruz observa em sua análise que como a realização da série de oclusivas sonoras é previsível nessa posição há um processo de neutralização.

As oclusivas sonoras /b, d, g/ ocorrem em posição de ataque silábico tanto em início de palavra quanto em posição intervocálica. O estatuto fonológico da série de oclusivas sonoras /b, d, g/ fica evidente pelo fato desses segmentos poderem aparecer

em posição início de palavra e intervocálica, sendo a vogal precedente oral. Nessas posições [b, d, g] são imprevisíveis.

(9) /p/ e /m/	/ũ ^h pa/	[ũ.ba.'ʔa] ~ [ũ.'ba]	negação
	/u-'mã/	[u.mã.'ʔã]	3sg _A -ver
(10) /b/ e /k/	/i-mẽ ^h pira/	[i ^h bi.ra]	3sg _E -filho
	/ki'ui ^h ra/	[ki.'wi.ra]	irmão mais velho de mulher
(11) /t/ e /n/	/iã ^h te/	[jã.'dɛ] ~ [jã ^h . ^h dɛ]	1PL (pronome)
	/ia ^h ne/	[jã.'ne-]~[jã ^h . ^h ne-]~[jã ^h . ^h neɛ]~[jã. ^h neɛ]	1PL da série estativa
(12) /d/ e /r/	/pĩ ^h ta/	[pĩ.'da]	anzol
	/pi ^h 'ra/	[pi.' ^h ra]	peixe
(13) /g/ e /ɲ/	/pu ^h 'rãka/	[pu.' ^h rã.ga]	ser bonito
	/pi ^h 'rãɲa/	[pi.' ^h rã.ɲa]	peixe do tipo piranha

Como explica CRUZ (2011), depois de vogal nasal, a distinção /p, t, k/ e /b, d, g/ é neutralizada. Os fones [p, t] ocorrem em sílaba não acentuada após vogal nasal. Os fones [b, d] ocorrem em sílaba acentuada após vogal nasal, o fone [g] ocorre após vogal nasal, independentemente da posição do acento. Nessa posição, [k] não ocorre. É importante pontuar que a análise desses segmentos nessa variedade tem por objetivo subsidiar a análise das outras duas.

A fricativa alveolar /s/ tem distribuição e frequência maior do que a fricativa pós-alveolar /ʃ/. A fricativa alveolar ocorre em ataque de sílabas em posição inicial e intervocálica e forma sílaba com todas as vogais.

(14) /s/ e /ʃ/	/ki ^h 'se/	[ki.' ^h sɛ]	faca
	/pi ^h 'ʃe/	[pi.' ^h ʃɛ]	fedor
(15) /s/ e /r/	/pu ^h 'sãka/	[pu.' ^h sã.ga]	remédio
	/pu ^h 'rãka/	[pu.' ^h rã.ga]	ser bonito

Por razões históricas, a fricativa pós-alveolar /ʃ/ tem distribuição restrita, de modo que tende a ocorrer precedida ou seguida pela vogal coronal alta /i/. Todavia, ocorre também em outros contextos. Em posição de início de palavra, o fonema é

bastante raro e, quando ocorre, parece ter resultado historicamente do morfema *i-* ‘terceira pessoa singular estativo’. São exemplos:

- (16) /fu'kuĩ/ [fu.'kuĩ] existencial concreto
 /ʃimiri'ku/ [ʃi.mi.ri.'ku] esposa
 /ʃĩ'ga/ [ʃĩ.ga] atenuativo

A vibrante simples (tepe) forma sílaba com todas as vogais orais e nasais em posição intervocálica.

- (17) /t/ e /r/ /pĩ'ta/ [pĩ.'da] anzol
 /pi'ra/ [pi.'ra] peixe
 (18) /k/ e /r/ /pu'sãka/ [pu.'sã.ga] remédio
 /pu'rãka/ [pu.'rã.ga] ser bonito
 (19) /p/ e /m/ /pi'ra/ [pi.'ra] peixe
 /mi'ra/ [mi.'ra] árvore
 (20) /t/ e /n/ /tu'pana/ [tu.'pã] tupana (deus)
 /u-nu'pa/ [u.nu.'pa] 3sgA-bater
 (21) /p/ e /m/ /ũ'pa/ [ũ.ba.'ʔa]~[ũ.'ba] negação
 /u-'mã/ [u.mã.'ʔã] 3sgA-ver
 (22) /s/ e /r/ /pu'sãka/ [pu.'sã.ga] remédio
 /pu'rãka/ [pu.'rã.ga] ser bonito

Quanto ao sistema vocálico do Nheengatu descrito no trabalho de CRUZ (2011 p. 54) apresenta o seguinte quadro de fonemas:

QUADRO 2 – SEGMENTOS VOCÁLICOS DO NHEENGATU DO ALTO RIO NEGRO

	ANTERIOR		CENTRAL		POSTERIOR		
	ORAL	NASAL	ORAL	NASAL	LONGA	ORAL	NASAL
ALTO	i	ĩ				u	ũ
MÉDIO	e	ẽ					
BAIXO			a	ã			

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2020.

As vogais do Nheengatu estão distribuídas quanto à altura em altas, médias e baixas e quando à posição em anteriores, central e posteriores. Em relação à posição dos

lábios, Cruz aponta que “Não estamos conscientes de regras fonológicas do Nheengatú que se refiram ao traço [LABIAL]” (2011 p. 54).

Da mesma forma que procedeu para a descrição e distribuição dos segmentos consonantais, o fez para os segmentos vocálicos que são apresentados a seguir:

(23)	/a/ e /e/	/u- ^h kua ka ^h tu/	[u. ^h kua ka. ^h tu]	3sgA-saber estar bem
		/kueka ^h tu/	[kwɛ.kɑ. ^h tu]	mensagem
(24)	/a/ e /i/	/a ^h ua/	[a. ^h wa]	nome (alguém/pessoa)
		/a ^h ui/	[a. ^h wi]	agulha
(25)	/a/ e /u/	/u-mu ^h tu/	[u.mu ^h .du]	3sgA-mandar
		/u-mu ^h ta/	[u.mu ^h .da]	3sgA-roubar
(26)	/e/ e /i/	/a ^h e/	[a. ^h ʔe]	3SG (pronome)
		/a ^h i/	[a. ^h ʔi]	preguiça
(27)	/e/ e /i/	/su ^h pe/	[su. ^h pɛ]	dativo (posp.)
		/su ^h pi/	[su. ^h pi]	com certeza
(28)	/e/ e /u/	/i ^h ke/	[i. ^h kɛ]	aqui
		/i ^h ku/	[i. ^h ku]	estar
(29)	/i/ e /u/	/pi. ^h rã.ka/	[pi. ^h rã.ga]	ser vermelho
		/pu. ^h rã.ka/	[pu. ^h rã.ga]	ser bom
(30)	/i/ e /u/	/se- ^h pi/	[se. ^h pi]	‘1sgE-pé’
		/se- ^h pu/	[se. ^h pu]	‘1sgE-mão’

A vogal média alta /e/ tem como alofone a média baixa [ɛ] em sílabas acentuadas. O alofone [e] também ocorre quando seguido por uma consoante nasal ainda que a sequência seja heterossilábica; ou quando seguido por um glide em coda da sílaba nucleada por /e/. As quatro vogais orais do Nheengatu contrastam com suas contrapartes nasais. Os pares mínimos e análogos são apresentados a seguir.

(31)	/a/ e /ã/	/kã ^h uera/	[kã. ^h wɛ.ra]	osso
		/ka ^h uera/	[ka. ^h wɛ.ra]	bêbado
(32)	/e/ e /ě/	/ ^h sě/	[sɛ. ^h ʔɛ]	doce

	/pe/	[pe.ʔɛ]	caminho	
(33)	/ĩ/ e /i/	/tĩ/	[ti.ʔĩ]	nariz
	/ti/	[ti]	NEG	
(34)	/ũ/ e /u/	/u-pe'u/	[u.pe.ʔju]	3sgA-soprar
	/pi.ũ/	[pi.ʔũ]	pium (inseto)	

Cruz (2011, p.59) aponta que vogais nasais fonéticas podem emergir da redução de sequências de vogal oral e consoante nasal VN em um estágio de representação intermediário, implementado como CV. Isso sugere duas fontes para a vogal nasal fonética na língua: (a) vogais nasais fonológicas e (b) vogais nasais fonéticas.

Com relação à estrutura silábica CRUZ (2011, p. 62) propõe que na variante do Alto Rio Negro a estrutura silábica máxima é constituída de ataque, núcleo e coda: V, CV, (C)VN, VG, CVG#. O ataque pode ser preenchido por todas as consoantes e pelas vogais altas /i/ e /u/, foneticamente realizadas como glides [j] e [w] nesta posição. Grupos consonantais são estritamente proibidos tanto em posição de ataque quanto de coda. O único elemento obrigatório na sílaba é o núcleo. Os glides ocorrem na coda. Em sílaba acentuada, todas as vogais podem ocupar a posição de núcleo. O ataque pode ser realizado por todas as consoantes. Quanto à distribuição são exemplos:

(35)	CV	/mena/	[me.nɐ]	marido
(36)	V	/i'gara/	[i.'ga.rɐ]	canoa
(37)	VG	/ai'uã/	[aj.'wã]	existencial iminente / conjunção conclusiva
(38)	CVG#	/ai'kue/	[aj.'k ^w e]	existencial
		/u-pu'deri/	[u-pu.'dej]	3sgA-poder (ele pode)
(39)	CVN	/u-mu-'paua/	[ũ.'ba]	3sgA-CAUS-acabar
		/i'ke ʒũ'tu/	[i.'kẽ.tu]	aqui=RESTR

Cruz (2011) considera que a estrutura silábica do Nheengatu não permita oclusiva glotal [ʔ] em coda (restrição: *CVC), a partícula *baʔ* 'protestivo' constitui a única palavra com essa estrutura. A partícula em questão é excepcional por ser a única palavra na língua a apresentar estrutura CVC e por apresentar uma glotal não previsível e, portanto, neste caso, fonológica. Embora haja sílabas V, CVG# e CVN, há processos que

permitem evitar sílabas desfavorecidas. Alguns exemplos desses processos podem ser percebidos em palavras como /aʃi¹ru¹ra/[a.ʃi.¹ru.¹ra] ‘calça’ e /a.pi.¹ga/[a.pi.¹ga] que passa a /ʃi¹ru¹ra/ e /pi.¹ga/, respectivamente com o apagamento integral de uma sílaba para evitar sílabas sem ataque silábico.

Quanto ao padrão acentual dessa variedade do Nheengatu, Cruz o considera imprevisível, uma vez que o acento pode ocorrer tanto em posição final quanto em posição pré-final (cf. Grenand e Ferreira 1989, XVII; Borges 1991, p. 86; Taylor 1985 e 2007, apud CRUZ, 2001). Os autores mencionados ilustram suas análises por meio de pares mínimos como os reproduzidos abaixo (Cruz, 2011 p. 75):

- | | | | |
|------|------------------------|-------------------------|---------------|
| (40) | /pi ¹ ra/ | [pi. ¹ ra] | peixe |
| | / ¹ pira/ | [¹ pi.ra] | corpo |
| (41) | /mi ¹ ra/ | [mi. ¹ ra] | árvore |
| | / ¹ mira/ | [¹ mi.ra] | gente |
| (42) | /se ¹ ra/ | [se. ¹ ra] | questão polar |
| | / ¹ s-era/ | [¹ se.ra] | 3sgE-nome |
| (43) | /a-iu ¹ ka/ | [a.ju. ¹ ka] | 1sgA-matar |
| | /a- ¹ iuka/ | [a. ¹ ju.ka] | 1sgA-tirar |

Cruz (op.cit) observa que os dados como os apresentados sugerem que o padrão acentual do Nheengatu recebeu bastante influência do Português língua em que, embora o padrão acentual possa ser considerado lexical, devido ao grande número de exceções do sistema, a maior parte dos não verbos segue o padrão troqueu moraico (Wetzels 1977).

Variante do Nheengatu do Médio Rio Amazonas (SCHWADE, 2014)

A variedade do Nheengatu do Médio Rio Amazonas apresenta um inventário de 15 (quinze) fonemas consonantais: seis oclusivas, três nasais plenas, um tepe, três fricativas e duas aproximantes:

QUADRO 3 – SEGMENTOS CONSONANTAIS DO NHEENGATU DO MÉDIO RIO AMAZONAS

	BILABIAL	ALVEOLAR	PÓS-ALVEOLAR	PALATAL	VELAR
OCLUSIVA	p b	t d			k g
NASAL	m	n		<i>ɲ</i>	
TEPE		<i>r</i>			
FRICATIVA		s	<i>ʃ</i> <i>ʒ</i>		
APROXIMANTES	w			j	

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2020.

Como apresentamos para a variedade do Alto Rio Negro, segue a descrição dos segmentos consonantais, bem como os processos fonológicos pertinentes para a descrição dessa variedade do Nheengatu.

- (44) /p/ e /b/ /pa'kova/ [pa.'kɔ.vɔ] banana
 /ba'kaba/ [ba.'ka.bɔ] bacaba
- (45) /ʃ/ e /n/ /i'ʃe/ [i.'ʃɛ] eu
 /i'ne/ [i.'nɛ] tu
- (45) /ʃ/ e /d/ /kupi'ʃa/ [ku.pi.'ʃa] roça
 /ku'pidu/ [ku.'pi.du] capivara
- (46) /k/ e /g/ /ka'ru/ [ka.'ru] tarde
 /'gara/ ['ga.rɔ] canoa
- (47) /t/ e /s/ /taia'su/ [ta.ja.'su] porco
 /sua'su/ [su.a.'su] veado
- (48) /k/ e /t/ /ape'kũ/ [a.pe.'kũ] língua
 /ape'tũ/ [a.pe.'tũ] miolo
- (49) /s/ e /r/ /sa'sa/ [sa.'sa] passar
 /re'sa/ [re.'sa] olho
- (50) /n/ e /m/ /a'nama/ [a.'nã.mɔ] amigo
 /a'mana/ [a.'mã.nɔ] chuva
- (51) /t/ e /r/ /i'ta/ [i.'ta] pedra
 /'ira/ ['i.rɔ] mel
- (52) /ɲ/ e /n/ /i'nã/ [i.'ɲã] correr

	/pi.'nã/	[pi.'nã]	anzol
(53) /w/ e /p/	/wi'ra/	[wi'ra]	gavião
	/pi'ra/	[pi'ra]	peixe
(54) /ʃ/ e /ʒ/	/i'ʃe/	[i.'ʃɛ]	eu
	/i'ʒe/	[i.'ʒɛ]	machado
(55) /w/ e /j/	/wa'se/	[wa.'sẽ]	achar
	/ja'si/	[ja.'si]	lua

Considerando a ocorrência fonética desta variante do Nheengatu, verifica-se que há a ocorrência fonética da oclusiva glotal [ʔ], mas consideramos sua ocorrência como fonológica. Trabalhos sobre a fonologia do Nheengatu (variante do Alto Rio Negro)⁵ apresentam a oclusiva glotal [ʔ] apenas como uma realização fonética, pois não apresenta características necessárias para que seja considerada como fonema TAYLOR (1985) e BORGES (1991). Na variante do Nheengatu do Médio Rio Amazonas, a oclusiva glotal [ʔ] ocorre foneticamente, mas não encontramos evidências para considerá-la como fonema. Encontramos sua ocorrência nas composições: [ba.ka.ba.'ʔi.wɔ] ‘bacabeira’, [wa.saj.'ʔi.wɔ] ‘açazeiro’ e na palavra [ta.ri.'ʔi.wɔ] ‘traíra’.

Esta ocorrência, em meio de palavra, é corroborada com a língua Sateré-Mawé. Porém, diferente do Nheengatu, este segmento consonantal em Mawé, nesta posição, é considerado fonema, pois apresenta contraste de pares em ambiente idêntico com a fricativa glotal [h] SILVA (2006, p. 53). Já a fricativa glotal [h] nessa variedade, posição final de sílaba, é de rara ocorrência e foram encontradas nas palavras: [¹bah.ʒi] ‘jamuru’ e [iʒe] ~ [iʒeh] ‘machado’

Assim como a oclusiva glotal, não encontramos contraste para que a identificássemos como fonema. Trabalhos sobre o Nheengatu do Rio Negro⁶ apresentam o prefixo ‘a-’ como flexão verbal, para identificar a primeira pessoa do singular sujeito. Segundo TAYLOR (1985), há uma variante do prefixo ‘a-’ no Nheengatu na região do rio Içana (Região do Alto Rio Negro). Essa variante acontece

5 TAYLOR (1985), BORGES (1991) e CRUZ (2011).

6 TAYLOR (1985), BORGES (1991), MOORE *et al.* (1993) e CRUZ (2011).

ao acrescentar a fricativa glotal antes deste prefixo verbal [ha]. CRUZ (2011) corrobora com Taylor quando afirma que no Nheengatu dos Baniwa do rio Içana, o prefixo da primeira pessoa do singular do sujeito ‘a-’ é realizado com a aspiração em posição de ataque silábico. Esta aspiração na flexão verbal só acontece na primeira pessoa do singular. Por isso, conclui que a aspiração na primeira pessoa do singular do sujeito é uma forma lexicalizada naquele dialeto. No Nheengatu do Médio Rio Amazonas, há a ocorrência dessa aspiração também na primeira pessoa do singular do sujeito, como mencionou TAYLOR (1985). Os exemplos a seguir demonstram a ocorrência:

- (56) /a-wa'se/ [ha.wa.'sê] 1S-achar (eu acho)
 /a-'puk/ [ha.'puk] 1S-sentar (eu sento)
 /a-'so/ [ha.'sɔ] ir embora.

Por fim, a ocorrência da fricativa labiodental sonora [v], é muito rara nessa variante do Nheengatu, pelos dados coletados foi possível observar apenas nas palavras: [a'vi] ‘agulha’, [pa'kɔva] ‘banana’ e [wavi'ru] ‘rato’. Sua correspondente surda [f] não ocorre. Vale ressaltar que em trabalhos da variante do Nheengatu do Rio Negro e da Língua Sateré-Mawé, não há presença das fricativas labiodentais. Nossa hipótese inicial é que essa realização acontece a partir do contato com a Língua Portuguesa que possui as fricativas labiodentais [f, v].

Em relação aos segmentos vocálicos, a variante do Nheengatu do Médio Rio Amazonas apresenta um inventário de 09 (nove) fonemas vocálicos.

QUADRO 4 – SEGMENTOS VOCÁLICOS DO NHEENGATU DO MÉDIO RIO AMAZONAS

	NÃO ARREDONDADO				ARREDONDADO	
	ANTERIOR		CENTRAL		POSTERIOR	
	ORAL	NASAL	ORAL	NASAL	ORAL	NASAL
ALTO (FECHADO)	i	ĩ	i		u	ũ
MÉDIO FECHADO	e				o	
MÉDIO ABERTO						
BAIXO (ABERTO)			a	ã		

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2020.

Relacionamos a seguir os pares de segmentos vocálicos que ocorrem em contraste em ambientes idênticos e análogos causando distinção de significado.

- (57) /a/ e /i/ /ka'a/ [ka.'a] mato
 /kɨ'sa/ [kɨ.'sa] rede (para dormir)

(58)	/i/ e /i/	/mira/	[mi.rv]	gente
		/mi'ra/	[mi.'ra]	madeira
(59)	/i/ e /e/	/supi'a/	[su.pi.'a]	ovo
		/supe'ta/	[su.pe.'ta]	tronco
(60)	/i/ e /u/	/pi'ra/	[pi.'ra]	peixe
		/pu'ra/	[pu.'ra]	fígado
(61)	/o/ e /u/	/ha'so/	[ha.'sɔ]	Is - ir embora
		/wa'su/	[wa.'su]	grande
(62)	/e/ e /o/	/ku'pe/	[ku.'pe]	costas
		/pu'po/	[pu.'po]	pena
(63)	/a/ e /ã/	/'aka/	['a.ka]	chifre
		/a'kã/	[a.'kã]	cabeça
(64)	/i/ e /ĩ/	/'tʃi/	['tʃi]	não
		/'tʃĩ/	['tʃĩ]	nariz
(65)	/u/ e /ũ/	/pe'ju/	[pe.'ju]	soprar
		/pi'ũ/	[pi.'ũ]	pium

Quanto às ocorrências das vogais longas nasais, identificadas foneticamente [ĩ:], [ẽ:] e [ã:] não encontramos outros exemplos que justificasse sua realização como fonema. Na variante do Nheengatu do Rio Negro, as vogais longas também não ocorrem. Uma das possibilidades da ocorrência das vogais longas em alguns vocábulos no Nheengatu do Médio Rio Amazonas pode ser o contato com a Língua Sateré-Mawé, que possui as vogais longas⁷. As vogais nasais [ẽ] e [õ] também ocorrem no plano fonético, porém, não encontramos dados suficientes para considerá-las fonemas.

Sobre a estrutura silábica do Nheengatu no Médio Rio Amazonas considera-se que ocorrem dois tipos silábicos: V, CV. Sílabas do tipo V pode ser preenchida por qualquer segmento vocálico. Apresenta-se em sílaba inicial, medial e final. Há uma

7 SILVA (2006, p.70).

ocorrência isolada. Para o tipo CV, admite-se para a posição de *Ataque* (C) qualquer segmento consonantal. Porém, há alguns que ocorrem em início de palavra e outros em posição medial e final de palavras. Para núcleo silábico, admite-se qualquer segmento vocálico. Abaixo, seguem exemplos para cada um desses tipos silábicos.

- | | | | | |
|------|-----------|------------------------|-------------------------------------|----------------|
| (66) | V | /i/ | [¹ i] | água |
| | | /a ¹ i/ | [a. ¹ i] | bicho preguiça |
| (67) | CV | /pi/ | [¹ pi] | pé |
| | | /pu ¹ tema/ | [pu ¹ tēm [∅]] | tabaco |

Quanto à constituição interna da sílaba, podemos dizer que a posição de Núcleo pode ser ocupada por qualquer fonema vocálico. Todos os fonemas consonantais podem ocorrer em Ataque silábico. Porém, os segmentos /d/, /j/ e /r/ ocorrem, somente, em Ataque de sílaba medial e não em Ataques iniciais. Assim, como em Sateré-Mawé (SILVA, 2006), não há restrições das vogais orais nos três tipos silábicos. Quanto às vogais nasais, encontramos, apenas, a ocorrência de /ã/ e /ĩ/ em início de palavras. Porém, todos os segmentos nasais ocorrem em posição medial de palavras.

O padrão acentual dessa variedade não é considerado previsível. Diferente da maioria das línguas indígenas do tronco Tupi que possuem o acento previsível na última sílaba da palavra e tendo em mente que o padrão acentual do Nheengatu do Alto Rio Negro também é considerado imprevisível, podendo ocorrer tanto em posição final de sílaba quanto em posição pré-final de sílaba (CRUZ, 2011, p.75), para a análise do Nheengatu do Médio Amazonas, propomos o mesmo padrão da variante do Alto Rio Negro. Nas palavras simples, aquelas que podem ser constituídas por uma ou mais sílabas, encontramos a ocorrência de acento tanto em penúltima quanto na última sílaba, como vemos nos exemplos abaixo:

- | | | | |
|------|----------------------|------------------------|----------------|
| (68) | /mira/ | [¹ mi.rv] | peessoa |
| | /mi ¹ ra/ | [mi. ¹ ra] | madeira |
| (69) | /ira/ | [¹ i.rv] | mel |
| | /a ¹ i/ | [a. ¹ i] | bicho preguiça |
| (70) | /kaja/ | [¹ kã:.jv] | pimenta |
| | /ta ¹ ʒa/ | [ta. ¹ ʒa] | taioba |

(71)	/pu'tira/	[pu.'ti.rv]	flor
	/pu.ru'ã/	[pu.ru.'ã]	umbigo
(72)	/'aka/	['a.ka]	chifre
	/a'kã/	[a.'kã]	cabeça

Observa-se não há uma regularidade em qual posição o acento irá recair. Porém, nota-se que sempre cairá em uma destas duas posições. Collischonn (2001, p.133) afirma que tal irregularidade acontece com o português e que os estudiosos poderiam considerar o acento como livre, não havendo nenhuma posição determinada em relação à sua estrutura segmental. Todavia, por mais que o padrão acentual do Nheengatu do Médio Rio Amazonas não siga o padrão da maioria das línguas do tronco Tupi, ele tem uma regularidade: o acento recai sobre a penúltima ou última sílaba em palavras simples. BORGES (1991) e TAYLOR (1985) consideram, ainda, que o acento em Nheengatu é fonológico, pois pode distinguir significados. Para essa interpretação, a análise de pares mínimos é utilizada. Na variante do Nheengatu do Médio Rio Amazonas, encontramos, também, palavras que são distintas apenas pela posição do acento, como nos exemplos abaixo:

(73)	/'kiwa/	['ki.wv]	piolho
	/ki'wa/	[ki.'wa]	pente
(74)	/'iwa/	['i.wa]	árvore
	/i'wa/	[i.'wa]	terra
(75)	/'awa/	['a.wv]	cabelo
	/a'wa/	[a.'wa]	quem

Observamos que, mesmo o acento não recaindo na última sílaba como na maioria das línguas Tupi, ele mantém um padrão acentual em que a tonicidade pode ser encontrada tanto na penúltima como na última sílaba em palavras com duas ou mais sílabas. Observamos, ainda, a ocorrência de acento fonológico utilizado para distinção de significado.

Variante do Médio e Alto Rio Solimões (SILVA, 2017)

O inventário de fonemas segmentais consonantais da variedade do Nheengatu da região do Médio e Alto Rio Solimões apresenta 12 fonemas que se opõem entre si em

exclusivos, estando em distribuição complementar, sendo a série de pré-nasalizadas que ocorrem diante de vogal nasalizada. Os exemplos demonstram nossa análise:

- | | | |
|-----------|------------------|-----------|
| (83) /mb/ | [sẽ̃.mbi.rv] | meu filho |
| | [ʔfĩ.mbui] | comida |
| (84) /nd/ | [ã.ndʒi.'ra] | morcego |
| (85) /ŋg/ | [pi.'rã.ŋgv] | vermelho |
| | [mu.ru.'ʔfĩ.ŋgv] | branco |

O tepe alveolar /r/ ocorre em contraste em posição inicial e medial de palavras. A fricativa alveolar /s/ tem distribuição e frequência maior do que a fricativa pós-alveolar /ʃ/. A fricativa alveolar ocorre em ataque de sílabas em posição inicial e intervocálica e forma sílaba com todas as vogais.

- | | | | |
|----------------|-----------|-------------|---------|
| (86) /r/ e /w/ | /u'wiwa/ | [u.'wi.wv] | flecha |
| | /'wira/ | ['wi.rv] | pássaro |
| (87) /r/ e /s/ | /ʒama'ru/ | [ʒã.ma.'ru] | jamaru |
| | /wa'su/ | [wa.'su] | grande |

As fricativas alveolares e pós-alveolares /s/, /ʃ/ e /ʒ/ ocorrem em posição inicial e medial de palavras, tendo a fricativa alveolar /s/ maior ocorrência em relação aos outros dois segmentos pós-alveolares. A fricativa alveolar /s/ tem distribuição e frequência maior do que a fricativa pós-alveolar /ʃ/. A fricativa alveolar ocorre em ataque de sílabas em posição inicial e intervocálica e forma sílaba com todas as vogais.

- | | | | |
|----------------|---------|----------|--------|
| (88) /s/ e /ʃ/ | /ki'se/ | [ki.'sɛ] | faca |
| | /pi'fɛ/ | [pi.'ʃɛ] | fedor |
| (89) /ʒ/ e /s/ | /ka'ʒu/ | [ka.'ʒu] | cajú |
| | /wa'su/ | [wa.'su] | grande |

O fricativo pós-alveolar /ʃ/ ocorre em contexto de palatalização diante da vogal /i/, dessa forma optamos pela análise de que esse segmento é palatalizado diante de /i/, considerando o alofone /tʃ/ diante /i/ e /t/ nos demais ambientes, conforme exemplos:

- | | | | |
|----------|---------|----------|------|
| (90) /t/ | /ta'ta/ | [ta.'ta] | fogo |
|----------|---------|----------|------|

	/tei ¹ u/	[tei. ¹ u]	camarão
(91) /tʃ/	/awa ¹ tʃi/	[a.wa. ¹ tʃi]	milho
	/pu ¹ tʃira/	[pu. ¹ tʃi.rɐ]	flor

Para a análise de reconhecimento dos fonemas, o critério utilizado foi a distribuição desses nas ocorrências de suas realizações. Assim, no caso do segmento [tʃ] é importante observar que ele está em distribuição complementar com a oclusiva alveolar [t], sendo [t] que ocorre nos demais ambientes e [tʃ] diante da vogal [i].

Em relação à realização acústica dos fonemas aproximante [j] e nasal [ɲ] observamos que em contexto medial eles ocorrem em variação livre. Alguns consultores pronunciavam [ɲẽɲɡv] ~ [jẽɲɡv] ‘língua’ sem mudança de significado. A análise acústica também permitiu que a observação da ocorrência da oclusiva glotal [ʔ] em posição de inicial e medial de palavras entre vogais. Contudo, não encontramos evidência que pudesse sustentar sua ocorrência como fonológica.

O inventário de segmentos vocálicos na variante do Nheengatu do rio Solimões apresenta 05(cinco) vogais que se opõem quando a altura (alta, média e baixa), posição (anterior, central e posterior), conforme quadro abaixo:

QUADRO 6 – SEGMENTOS VOCÁLICOS DO NHEENGATU DO MÉDIO E ALTO RIO SOLIMÕES

	ANTERIOR		CENTRAL		POSTERIOR	
	ORAL	NASAL	ORAL	NASAL	ORAL	NASAL
ALTO (FECHADO)	i				u	
MÉDIO FECHADO	e				o	
MÉDIO ABERTO						
BAIXO (ABERTO)			a			

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2020.

A exemplo dos segmentos consonantais seguem os pares de fonemas que contrastam em ambiente idêntico ou análogo.

(92) /a/ e /e/	/para ¹ wa/	[pa.ra. ¹ wa]	papagaio
	/ara ¹ we/	[a.ra. ¹ wɛ]	barata
(93) /a/ e /i/	/a ¹ wa/	[a. ¹ wa]	nome
	/a ¹ wi/	[a. ¹ wi]	agulha

(94)	/a/ e /u/	/kura'si/	[ku.ra.'si]	sol
		/ka'ra/	[ka.'ra]	cará
(95)	/e/ e /i/	/a'e/	[a.'e]	3SG (pronome)
		/a'i/	[a.'i]	preguiça
(96)	/e/ e /i/	/ika'wera/	[i.kã.'wɛ.rɐ]	osso (dele)
		/wi'ra/	[wi.'ra]	pássaro
(97)	/e/ e /u/	/i'ke/	[i.'kɛ]	aqui
		/i'ku/	[i.'ku]	estar
(98)	/i/ e /u/	/pi'ranka/	[pi.'rã.ɣgɐ]	vermelho
		/pu'ranka/	[pu.'rã.ɣgɐ]	ser bom
(99)	/i/ e /u/	/pu'tira/	[pu.'tʃi.rɐ]	flor
		/wa'tura/	[wa.'tu.rɐ]	cesto

A análise dos segmentos vocálicos permite observar que a vogal média baixa [ɛ] é alofone da vogal média alta [e] por ter sua ocorrência em sílabas tônicas. A distribuição desses segmentos demonstra a mesma ocorrência para as médias posteriores [ɔ] e [o]. Sobre os fones vocálicos nasalizados optamos pela análise feita através distribuição complementar desses segmentos que nos permite observar que pelo critério mutuamente exclusivo os segmentos vocálicos que ocorrem precedendo as vogais nasais [m], [n] e [ɲ] são nasalizados, bem como as vogais que precedem os alofones nasais [mb], [nd] e [ɲg]. Dessa forma, concluímos que essa variante do Nheengatu falado no rio Solimões não apresenta vogais intrinsecamente nasais e sim segmentos vocálicos nasalizados pelo espalhamento da nasalidade da consoante nasal à direita. São exemplos desse tipo de ocorrência:

(100)	/m/	/uru'pema/	[u.ru.'pẽ.mɐ]	peneira
		/zama'ru/	[zã.ma.'ru]	jamaru
(101)	/n/	/pi'nima/	[pĩ.'nĩ.mɐ]	pintado
		/mani'aka/	[mã.ni.'a.kɐ]	mandioca
(102)	/ɲ/	/ku'ɲa/	[kũ.'ɲã]	mulher

/se¹raja/

[se.¹rã.nã]

dente

Quanto à estrutura silábica da variante do Nheengatu do rio Solimões, como nas outras duas variantes, tem distribuição na estrutura silábica feita tendo o núcleo ocupado sem restrição por vogais orais e nasalizadas, embora haja registro de palavras monossilábicas constituídas apenas de vogal nasal. A posição de ataque silábico admite todas as consoantes da língua. O tepe /r/ parece ter restrição de ocorrência em início de palavras, sua ocorrência é mais comum em ataque silábico na posição medial. Não registramos ocorrência de coda silábica ocupada por segmentos consonantais.

Os tipos silábicos encontrados são V, CVV e CV. O tipo V parece não constituir palavra isolada, a única ocorrência encontrada foi a sequência [i:] ‘água’ que parece ter um alongamento da vogal. Quando à posição ocupa as posições inicial, medial e final de palavras. Os tipos CV, CVV e VC podem formar ou participar da constituição de palavras. O tipo CV se apresenta como o mais comum e ocorre tanto em posição inicial e medial, quando em posição final. São exemplos:

(103) V	/ ¹ oka/	[¹ ɔkɔ]	casa
	/tei ¹ u/	[tei ¹ u]	camarão
(104) CVV	/ ¹ sai/	[¹ sai]	azedo
	/u.ka. ¹ rai/	[u.ka. ¹ rai]	coceira
(105) CV	/pi ¹ ra/	[pi. ¹ ra]	peixe
	/ma. ¹ ki.ra/	[ma. ¹ ki.rɔ]	rede

Quanto ao processo de silabificação, vimos que o núcleo é o centro da sílaba e de onde ela se distribui. Esse núcleo em Nheengatu é ocupado necessariamente por uma vogal, portanto, o elemento menos consonantal. Os elementos mais consonantais ocupam a posição de Ataque, uma vez que a posição de Coda silábica não é ocupada na língua. Em Nheengatu, sequências de segmentos do tipo [wV] e [jV] que ocorrem em posição de ataque silábico são comuns. A análise, a partir do padrão silábico mais comum CV e, considerando que o núcleo é ocupado pelo elemento mais sonoro, ou seja, por vogais, nos permite comparar palavras na língua que não apresentam ambiguidade como /ki.¹se/ ‘faca’ e /ma.¹ki.ra/ ‘rede’ como do tipo CV em todas as posições da palavra. Já as sequências do tipo [wV] e [jV] foram analisadas como sílaba do tipo VV

com núcleo ramificado formando assim a sequência de ditongos na língua. Corroborando com nossa análise o fato de, conforme CRUZ (2011 p. 62), observar que sequências de segmentos estritamente consonantais não ocorrem na língua. Em posição de Ataque silábico, a análise permite considerar os segmentos [w] e [j] como glides e, nas demais posições como ramificação do núcleo, ocasionando a sequência de ditongos.

Em relação ao padrão acentual do Nheengatu, CRUZ (2011) e SCHWADE (2014) classificam o acento como imprevisível. A análise para a variante do Médio e Alto Rio Solimões segue as análises anteriores do Nheengatu. Da mesma forma que as demais, o acento pode cair tanto na última, quanto na penúltima sílaba da palavra simples:

(106)	/ki'se/	[ki.'sɛ]	faca
	/kura'si/	[ku.ra.'si]	sol
	/para'wa/	[pa.ra.'wa]	papagaio
(107)	/'oka/	[ʔ.kɔ]	casa
	/i'waka/	[i.'wa.kɔ]	céu
	/ma'kira/	[ma.'ki.rɔ]	rede

As considerações finais sobre a fonologia das três variedades do Nheengatu são apresentadas a seguir.

Considerações Finais

A pesquisa de CRUZ (2011) para a variedade do Alto rio Negro serviu de base para a descrição e documentação das outras duas variedades do Médio Rio Amazonas e a variedade do Nheengatu da região do Médio e Alto Rio Solimões. Nas três variedades foram apresentados os quadros fonológicos de consoantes e vogais e a discussão sobre a ocorrência dos segmentos. O inventário de consoantes permanece basicamente o mesmo. Já o de vogais há diferenças de interpretação entre as pesquisas. Enquanto para as variedades estudadas por CRUZ (2011) e SCHWADE (2014) há ocorrência de segmentos vocálicos nasais como fonemas na língua. Para Silva (2016) não há vogais nasais e sim vogais nasalizadas pelo ambiente que ocorrem.

A estrutura silábica também foi tratada nas três variedades e observou-se que os tipos silábicos são basicamente os mesmos, não diferindo de região para região. Os

tipos silábicos mais comuns são V, CV, CVV. Como ocorrência maior do padrão CV. Palavras constituídas apenas de uma sílaba são de pouca ocorrência no Nheengatu nas três variedades.

O mesmo acontece com o padrão acentual em palavras simples. As análises feitas sugerem que o acento não é previsível podendo recair na última e penúltima sílaba das palavras. Nesse ponto, o Nheengatu difere das outras línguas do tronco Tupi que têm o acento sempre recaindo na última sílaba da palavra.

Referências

BORGES, Luiz Carlos. *A língua geral amazônica: aspectos de uma fonêmica*. Campinas, 1991. Dissertação Mestrado em Linguística – Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP

BURQUEST, Donald A. *Phonological Analysis A functional Approach*. TX: Summer Institute of Linguistics, Dallas, 1998.

COLLISCHONN, Gisela. O acento em Português. In: BISOL, Leda. *Introdução à estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre. EDIPUCRS, 2001 p.125-155
CRUZ, Aline da. *Fonologia e Gramática do Nheengatú: a língua geral falada pelos povos Baré, Warekena e Baniwa*. Utrecht, Países Baixos: LOT, 2011.

GLEASON Jr, Henry Allan *Introdução à Linguística Descritiva*. Lisboa: Fundação Caloust Gubenkian, 1978.

GOLDSMITH, John. *The Handbook of Phonological Theory*. London: Basil Blackwell, 1995.

KENSTOWICZ, Michael. *Phonology in Generative Grammar*. London. Blackwell, Oxford, 1994.

KIBRIK, Alexander E. *The Methodology of Field Investigations in Linguistic (Setting up the Problem)*. Mouton. The Hague, Paris, 1977.

KINDELL, Gloria Elaine. *Guia de Análise Fonológica*. Brasília: Summer Institute of Linguistic, 1981.

PIKE. Kenneth Lee. *Phonemics: a Technique for Reducing Language to Writing*. Ann Arbor, Univesity of Michegam Press, 1947.

PAYNE, Tomas E. *Describing morphosyntax. A guide for field linguistic*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

RODRIGUES, Aryon Dall'igna. Relações Internas na família Tupi-Guarani. *Revista de Antropologia* 27/28. 1985, p.33-53.

_____. As Línguas Gerais Sul-Americanas. *PAPIA - Revista de Crioulos de Base Ibérica* 4, n. 2, 1996.p. 6-18.

SAMARIN, William J. *FIELD LINGUISTICS A Guide to Linguistic Field Work*, Hold, Rinechart e Winston. New York, 1967.

SILVA, Raynice Geraldine P. *Estudo fonológico da Língua Sateré-Mawé*. Munique:Lincom Europa, 2006.

SILVA, Raynice Geraldine P. *Documentação e Descrição das Variedades do Nheengatu no Amazonas*. Manaus:CNPq:Maio,2017 Projeto 4825555/2013-0, 2017 Mimeo.

SCHWADE, Michéli Carolíni de D. Lima. *Descrição fonético-fonológica do Nheengatu falado no médio rio Amazonas*. Manaus, 2014. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Amazonas, UFAM.

TAYLOR, Gerald. Apontamentos sobre o Nheengatu falado no Rio Negro. In: *Ameríndia*. n. 10, 1985.

WETZELS, Leo. Primary Stress in Brazilian Portuguese and the quantity Parameter. *Journal of Portugueses Linguistics, Special Issue on Prosody if the Iberian language*, 5/6 1977, p.09-58.

DESCRIPTION AND PHONOLOGICAL DOCUMENTATION OF THE VARIETIES OF NHEENGATU IN AMAZONAS

ABSTRACT

This article presents results of the research carried out by the project Description and Documentation of Nheengatu Varieties in Amazonas, funded by CNPq, on the varieties of Nheengatu do Amazonas in three regions of the state where there are speakers with different degrees of proficiency. In this work, we deal with the phonetic-phonological description and documentation of Nheengatu in the regions of the Upper Negro River, the Middle Amazon River and the Middle Solimões River with the theoretical assumption as the descriptive linguistics for the description and analysis of the data and as the methodology the ethnographic research based on the research field for data collection in the three regions.

KEYWORDS: Nheengatu, Documentation, Indigenous Languages, Tupi.

Recebido em 30/08/2020.
Aprovado em 28/09/2020.